

Jovens Umbandistas no Tiktok

Young Umbandists on Tiktok

Sônia Regina Corrêa Lages¹

Resumo

As novas tecnologias de comunicação e informação modificaram o formato de compartilhamento e vivência da fé em diferentes campos religiosos, que utilizam do ambiente digital para divulgar suas crenças, eventos e posicionamentos, criando uma nova forma de se relacionar com os devotos. Diante desse contexto, o artigo apresenta a atuação de jovens umbandistas na plataforma digital do *TikTok*, com a utilização do método da etnografia virtual. A juventude religiosa se apropriou desse espaço e divulga seu modo próprio de interação com o sagrado através de vídeos curtos com conteúdo afro-religioso. As análises apontaram: os jovens assumem suas identidades religiosas exaltando a religião e suas entidades espirituais, ensinando os fundamentos da religião, e Exu e Pombagira aparecem com frequência com os significados de proteção e orientação.

Palavras-chaves: juventude e religião; juventude umbandista; TikTok.

Abstract

New communication and information technologies have changed the way faith is shared and experienced in different religious fields, which use the digital environment to publicize their beliefs, events, and positions, creating a new way of relating to devotees. In this context, the article presents the work of young Umbanda practitioners on the TikTok digital platform, using the virtual ethnography method. Religious youth have taken over this space and publicize their own way of interacting with the sacred through short videos with Afro-religious content. The analyses indicated that young people assume their religious identities by exalting religion and its spiritual entities, teaching the foundations of religion, and Exu and Pombagira frequently appear with the meanings of protection and guidance.

Keywords: youth and religion; Umbanda youth; TikTok

¹ Professora adjunta do Departamento de Ciência da Religião no Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: soniarclages@gmail.com.

Religião e Juventude

A categoria juventude precisa ser compreendida de uma forma mais ampla, como juventudes, face às inúmeras diferenças que lhe atravessam, considerando raça, etnia, local de moradia, gênero, sexualidade, escolaridade, dentre outras. Para o Estatuto da Juventude (2013) são considerados jovens as pessoas com idade entre quinze e vinte e nove anos de idade. Esse período é o das experimentações, o da formação educacional, dos questionamentos dos pertencimentos e das ideias até então construídos a partir dos processos de socialização primários. É aqui que novos engajamentos podem ser realizados, e dentre eles o do campo religioso.

A participação de jovens no campo religioso brasileiro tem sido objeto de estudo por parte de pesquisadoras (es) que direcionam seus interesses aos diferentes motivos da adesão, seja como a busca pela força espiritual e sentidos da vida, pela necessidade de socialização, de lazer, pelo engajamento em questões sociais e políticas, ou da não adesão a instituições religiosas. (Aguiar, 2021; Campos, 2020; Novaes, 2018; 2023; 2019; Pátaro e Mezzomo, 2018; Camurça, 2017; dentre outros e outras). Tais estudos consideram o contexto atual do pluralismo religioso em que a hegemonia do catolicismo cedeu às diferentes formas de se viver a religião, a expansão do pentecostalismo evangélico, o crescimento dos sem religião, o nomadismo em busca de novas espiritualidades, e a valorização da individualidade.

Diante desse contexto, destaca-se aqui, a participação dos jovens na religião de matriz africana, a Umbanda, campo esse que se organizou após a abolição da escravização com a participação do povo de origem bantu, vindos principalmente de Angola, Congo e Moçambique, cujas crenças evocavam os espíritos dos falecidos e dos antepassados. Escritos datados por volta de 1900 afirmam que estes grupos eram chamados de cabula, praticada no Estado do Espírito Santo, e em torno dos anos trinta passaram a ser chamados de Macumba.

Formadas no início do século XX, podemos pensar a Macumba como precursora da Umbanda, que se organizou, inicialmente, na área rural, e posteriormente migra para os centros urbanos, uma vez que era lá que o processo de industrialização do país acontecia e gerava oportunidades de trabalho. Na Macumba, a preservação das tradições africanas eram mais evidentes, como a presença de alguns orixás e de rituais iorubás. Sua cerimônia era privada, a partir do transe de uma única pessoa, que dava consultas às demandas dos aflitos, dando-lhes esperanças e soluções mágicas para resolver seus problemas. No entanto, a Macumba, justo por seu caráter individualista, não demonstrava eficácia no que se refere à inserção social do povo negro, e aos poucos, religiosos foram se aproximando dos grupos espíritas, e inserindo, também, elementos católicos em suas práticas rituais e cosmovisão religiosa. Nasce, pois, a Umbanda, com um caráter coletivo, embranquecida, e disposta a se integrar de forma efetiva na sociedade brasileira. (Malandrino, 2010).

A Umbanda está presente hoje em todo o território brasileiro, e é marcada pela tradição oral, e pelo transe e incorporação dos guias espirituais, pessoas que viveram e após desencarnadas retornam para fazer caridade, ajudar os devotos em seus pedidos, fazer rituais de purificação, curar doenças, dar conselhos.

O seu panteão inclui os Orixás, que são homenageados e transmitem suas vibrações energéticas para os espíritos de luz, pilares da Umbanda e que são identificados com as virtudes do sagrado: os Pretos e Pretas velhos(as), Caboclo(as), Crianças, e uma outra série de entidades, os Boiadeiros, os Ciganos, a Linha do Oriente, Marinheiros, dentre outros. Alguns terreiros de Umbanda abrem a casa para receber a linha de Quimbanda, que integra o Povo da Rua, os inúmeros exus e pomba-giras, prostitutas e malandros. Essa linha é considerada a ala esquerda da Umbanda, onde habitam os espíritos que não consideram as regras sociais, e que de qualquer forma, são sacralizados. Essas entidades baixam semanalmente nos terreiros e atendem seus filhos de fé, em consultas, dando-

lhês conselhos sobre comportamentos, como vencer os problemas, receitando ervas medicinais para cura das doenças.

Exu e Pombagira são reconhecidos como os espíritos da desordem que comandam a Quimbanda, que rompem com as regras da sociedade normativa, e que presidem as encruzilhadas. Estas podem ser compreendidas como ligadas à ideias de cruzamento de caminhos, espaços que rompem com o previsível, geram dúvidas e uma sensação de que se está perdido, sem rumo, sem saber o que fazer. É o lugar do rompimento do que era tido como certo e verdadeiro por uma sociedade guiada pela necessidade de excluir tudo que concebe como sendo uma ameaça à hegemonia. Essas entidades produzem transformações.

Considerando, então, esse campo religioso, surgiu o interesse em conhecer a atuação dos jovens e das jovens afro-religiosas nas plataformas digitais, em específico no *TikTok*. As perguntas que nortearam nossa pesquisa foram: que conteúdos sobre a Umbanda têm sido apresentados nesse aplicativo de compartilhamento de vídeo, como a juventude vivencia sua fé nas entidades sagradas e que leitura fazem delas, e se essa plataforma é utilizada para o combate à intolerância religiosa.

Juventude, religião e mídia digital

As novas tecnologias de comunicação e informação modificaram o formato de compartilhamento e vivência da fé em diferentes campos religiosos que utilizam do ambiente digital para divulgar suas crenças, eventos, posicionamentos a respeito do que acontece no mundo, gerando novas formas de se relacionar com seus devotos e de alcançar e conquistar outras pessoas para sua perspectiva religiosa. E quanto à presença da juventude religiosa no espaço nas redes sociais é um fato, e ela se distribui entre diferentes virtualidades expondo seu ponto de vista sobre sua fé, fazendo denúncias, militando por causas sociais, expondo suas ideias, combatendo o que considera injustiças. Esse ambiente tem

sido denominado de ciberespaço ou infoesfera, que colaboram no sentido de definição do ambiente em que vivemos formado fluxos de interações e de dados, informações e relações.

No Brasil, desde 2020, o IBEST – Internet World Best elege os melhores do universo digital, considerando a presença nas plataformas de sites, *apps*, e nas principais redes sociais, o *Youtube*, *Tiktok*, *Instagram*, *Facebook*, *X*, *Threads*, *Linkedin* e *Twitch*. Dentre as categorias apresentadas, encontra-se a do Influenciador de Religião, que teve como vencedores por voto popular, em 2023, o Pr Cláudio Duarte, o Pe. Júlio Lancelotti e o Pe. Marcelo Rossi. (Ibest, 2023)

Os milhões de seguidores dos influenciadores religiosos acabam por formar grandes comunidades nas plataformas digitais, reconfigurando o campo religioso, tornando a experiência religiosa mais independente dos templos, e propiciando que qualquer pessoa, vinculada ou não a uma igreja, possa manifestar livremente suas ideias, reflexões e opiniões, tirando o controle dos conteúdos disseminados das mãos das lideranças. (Cunha, 2017). Assim, a midiatização das religiões ocupam de forma significativa o espaço público potencializando diferentes ativismos digitais, seja em prol do proselitismo, de reconhecimento e influência, de compartilhamento da fé, ou mesmo de ativismo político. E nesse vasto campo, destaca-se aqui o da juventude afro religiosa como produtora de conteúdos religiosos no *TikTok*.

A difusão de conteúdos do campo religioso de matriz africana tem sido denominada de *ciberaxé*, ambiente virtual esse em que são compartilhadas narrativas religiosas, imagens, sons, vídeos e textos, criando um espaço de interação onde as pessoas que são devotas, ou mesmo as simpatizantes, podem solicitar esclarecimentos a respeito da doutrina ou das práticas rituais. São espaços criadores de solidariedade, de cooperação coletiva entre os jovens de terreiro. Esses jovens, em sua maioria, pardos, pretos, periféricos e pobres, atuam nas redes de forma a elaborar um reconhecimento positivo de suas identidades que se contrapõem às clássicas representações negativas produzida pela quase

totalidade das mídias a respeito desse campo religioso. A atuação se apresenta na defesa de políticas públicas a favor dessas comunidades e contra a violência que as atinge de forma histórica na forma do racismo religioso. (Freitas,2015).

Sidney Nogueira (2020) entende o racismo religioso como a condenação da origem preta da crença religiosa. O racismo não incide somente sobre pretos e pretas praticantes das religiões afro-brasileiras, mas “sobre as origens da religião, sobre as práticas, sobre os rituais. Trata-se de uma alteridade condenada à não existência.”(p.47). Uma vez fora dos padrões hegemônicos, tais práticas culturais não podem existir. Ele seria decorrente do racismo estrutural, definido por Sílvia Almeida (2019) como um mecanismo que organiza a sociedade de forma a naturalizar e perpetuar as desigualdades raciais, não se tratando de ações isoladas de preconceito, mas de um sistema histórico, político e econômico que estrutura a vida social desde a colonização. O racismo religioso, pois, pode ser compreendido como uma das formas específicas e institucionalizadas do racismo estrutural, que opera através da criminalização simbólica e material das religiões de matriz africana, e da deslegitimação dos seus saberes e práticas.

As interseções entre o racismo religioso, o *ciberativismo* e a experiência protagonizada por grupos de jovens que utilizam as mídias sociais - *Instagram*, *Facebook* e *Whatsapp*, para compartilharem o seu cotidiano e a luta pela preservação da sua identidade religiosa, também foi apresentada pela pesquisadora Gilciana Paulo Franco (2024), e ela chama atenção para a importância dos jovens de terreiro na preservação da tradição religiosa, que a partir de sua energia, entusiasmo e conexão com tudo o que acontece, podem ser agentes potenciadores de mudanças sociais. Temas como políticas públicas em defesa da cultura afro-brasileira, combate às perseguições sofridas pelo povo de santo, combate às violências históricas sofridas pelo povo preto, são temas constantes nas redes sociais dos jovens pesquisados.

Quanto à rede social *TikTok*, ela é apresentada em seu site como tendo a missão de inspirar e trazer alegria. Ela se destaca como uma plataforma de

entretenimento, interação e sociabilidade, e que causa impacto, captando atenção e engajamento a partir da publicação de vídeos móveis no formato curto. (*TikTok*, 2024). Para produzir conteúdo é necessário um cadastro, ter treze anos ou mais, e a publicação de vídeos tem um tempo de duração de até 10 min.

No caso de um vídeo alcançar uma número significativo de *likes*, milhares e até milhões, ou ainda, no caso de viralizarem na rede, ele se torna uma tendência, denominada também de *trend*, influenciando seus usuários na inspiração de outros vídeos, ou copiando o vídeo e o replicando em seus próprios perfis. São muitos os tipos de *trends*, de músicas, dancinhas, tecnologia, religião, que fazem referência a pessoas ou programas de TV, na forma de humor; de maquiagem, de expressão do corpo, etc, e o próprio *TikTok* apresenta em seu site um relatório, onde constam os vídeos que estão bombando, alcançando expressividade, no aplicativo. Quando um *post* gerou muito engajamento, teve muita visibilidade, o influenciador digital (*tiktoker*) pode afixar esse *post* como o primeiro no *feed* (o fluxo de conteúdos postados) da sua página no *TikTok*, esses vídeos recebem o nome de afixados. A função disto é que eles continuem gerando engajamento mesmo que tenham sido publicados em um período anterior.

Quanto à presença religiosa na plataforma, ela é bem variada, abrangendo vídeos de diferentes filiações, de igrejas cristãs, orientais, espíritas, religiões afro-brasileiras, budismo, judaísmo, práticas da Nova Era, dentre outros. A oferta é grande, e abrange uma pluralidade de conteúdos que compreendem explicações sobre a religião, declarações de fé, depoimentos, até acusações sobre práticas consideradas demoníacas. Quanto às pesquisas sobre a relação entre o *TikTok* e juventude afro-brasileira, interesse do presente artigo, não foram encontradas, daí a contribuição do estudo aqui apresentado.

Método

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que utilizou o método da etnografia virtual que tem como campo de investigação as comunidades virtuais, e

compreende que o espaço virtual é tão real quanto os *off-line*, uma vez que estão presentes diferentes dinâmicas de interação social, onde identidades sociais e culturais se manifestam, polemizam, influenciam comportamentos, geram novos modos de pensar e sentir, propõem valores, solidariedade e compartilhamento. (Fragoso, Recuero e Amaral, 2014; Aguiar, 2007). Tal método proporciona o acesso das e dos pesquisadores (as) da área às especificidades contemporâneas da virtualidade e à digitalização de conteúdos, formas de relacionamento, produtos, dentre outros. (Rocha e Montardo, 2005). Quanto ao papel desempenhado pela pesquisadora, foi o da inserção silenciosa (*lurker*), em que se observa determinados sujeitos ou grupos sociais sem intervenção, apenas de dedicando à análise do comportamento do outro.

Quanto à coleta de dados, o *TikTok* foi o lugar onde a investigação foi realizada, e compreendeu as seguintes etapas: 1) localização dos jovens umbandistas na plataforma digital do *TikTok*, a partir do ícone “Descobrir”, com uso de palavras-chaves como: jovens umbanda, juventude macumbeira, religiões de matriz africana, dentre outras. 2) nesta etapa se buscou vídeos em que os jovens apresentassem uma narrativa sobre a religião com o intuito de fazer esclarecimentos sobre a religião ou denunciar o preconceito contra o campo religioso; 3) foram selecionadas as contas com maior número de curtidas e de compartilhamento, os chamados vídeos afixados; 4) os critérios para seleção dos vídeos foram, então, estabelecidos: aqueles com no mínimo um milhão de seguidores, e que tivessem vídeos afixados, os quais se tornaram objeto de análises.

Diante desses preceitos, seis *tiktokers* umbandistas foram selecionados: 1) Zeus, que se descreve na plataforma como *rapper*, compositor e ator, e possui 1,6 milhões de seguidores, totalizando 24,15 milhões de curtidas na conta, e dois vídeos afixados; 2) SeliMacumbeira que descreve como sendo sua conta focada em macumba, com 218,4 milhões de seguidores, 5,7 milhões de curtidas na conta, e dois vídeos afixados; 3) Apolletx2 que se apresenta como uma pessoa que faz

trabalhos espirituais, com 1,3 milhões de seguidores, 38 milhões de curtidas em sua conta e um vídeo afixado; 4) Francesca de Jurema, que descreve sua conta como Mãe Pequena de Umbanda, iniciada em quimbanda, juremeira e cartomante, com 14,1 milhões de seguidores, 164 milhões de curtidas na conta, e dois vídeos afixados; 5) Lanadafarrapo, sem descrição da conta, com 59,5 milhões de seguidores e 472,4 milhões de curtidas no canal, com um vídeo afixado, e 6) Vitorinha de Exu, se apresenta como filha de Oxum com muito orgulho, com 219,2 milhões de seguidores, 3 milhões de curtidas em sua conta, e dois vídeos afixados.

Informamos que os vídeos afixados são aqueles que receberam significativos números de curtidas, de compartilhamento e engajamento (comentários do público), e que o *tiktoker*, ou a *tiktoker* achou importante mantê-los como sendo os primeiros a serem apresentados, independente da data em que foram divulgados. E, ainda, não foi possível levantar dados pessoais dos jovens, como idade, cidade de origem, escolaridade, uma vez que não constam esses dados para o público.

Considerando os critérios estabelecidos, foram eleitos para análises os seguintes vídeos: 1) Laroyê e Pastor x Macumbeiro, de autoria do Zeus (vídeos afixados de 30.10.2023 e 16.10.2023, respectivamente) ; 2) Toda semana, jurooo. Adolescentes incorporando na porta da escola, e Visitando um terreiro, de SeliMacumbeira (vídeos afixados de 12.11.2023 e 12.11.2023); 3) Quando você é macumbeiro escondido de sua família, de Apolloletx2; 4) Ponto cantado para Exu Zé Pilintra e Se quiserem posso fazer – incorporação, de Francesca de Jurema; 5) Se ela cantar abre o olho, de Lanadafarrapo; e 6) Salve a Malandragem, Dona Maria Navalha, e Está preparado para a limpeza que Exu fará?, de Vitorinha de Exu

Analisando os conteúdos dos vídeos afixados, quatro categorias de análises foram levantadas: a) o combate à intolerância religiosa e ao racismo; b)

macumbeiro como identidade religiosa; c) os ensinamentos e esclarecimentos sobre a Umbanda e c) Exu e Pombagira como entidades protetoras.

Eu sou macumbeiro (a), e Exu e Pombagira me protegem

Os vídeos de Zeus são dramáticos, com sons e letras fortes que denunciam o preconceito contra a religião umbandista e suas entidades. Em *Laroyê* (30/10/2023), um jovem com as vestimentas religiosas da Umbanda conversa com o Exu Caveira, e em alguns momentos entra em cena o Zé Pilintra e o Exu Veludo. A conversa, com fundo musical é tensa e impactante. O jovem busca respostas para a demonização que pastores fazem com relação à Umbanda, e pergunta para Exu Caveira: “Eu queria entender porque a gente é tão julgado. Tem um pastor na *internet* que insiste em nos demonizar”. Também no vídeo o *Pastor x Macumbeiro*, um pastor, de terno, no púlpito, e segurando um livro aberto, que remete à Bíblia, acusa com gestos impetuosos a religião do jovem umbandista: “Somente Jesus Cristo pode te salvar. Por que você louva imagens? É coisa do demônio. Leia a Bíblia. Pais de santos são falsos profetas manipulam os filhos para fazer tragédia”. Tais acusações são comuns por parte de pastores de determinadas igrejas evangélicas, e por parte de algumas igrejas católicas às comunidades de terreiro. Certos da batalha de que é necessário eliminar a ação do diabo no mundo, e que são as religiões afro-brasileiras o espaço onde ele atua disfarçado de divindades, essa retórica construiu uma imagem negativa das identidades afro religiosas, ao longo de todo o processo de formação desse campo religioso.

Apolloletx2 (09.10.2022) também apresenta, a partir de uma performance corporal, o que é ser macumbeiro e precisar esconder da família. Com olhar desconfiado, sempre no quarto com portas fechadas, esconde guias debaixo da camisa e a imagem de uma entidade, o vídeo divulga a letra: “Não podem vir, não podem ver, sempre a menina boa deve ser, encobrir, não sentir, encenação. Um gesto em falso e todos saberão.”

É um vídeo bem curto e bem humorado, que despertou risos nas pessoas que interagiram com ele. O *tiktoker* encontrou uma forma de abordar a intolerância com sua fé de uma forma mais brincalhona, dividindo com outros jovens as dificuldades que surgem dentro da própria família ao ter uma opção religiosa de matriz africana.

Nesse mesmo sentido, SeliMacumbeira no vídeo *Toda semana, juroooo. Adolescentes incorporando na porta da escola* (20.11.2023), diz:

Eu sou do tempo que ser macumbeiro, você dizer que é macumbeiro é um atestado pra te importunarem pro resto da vida. Você chegar com um guia em algum lugar, chegar com um guia na escola, meu amor, você era tido como santanista em todas as fofocas. Você era escorado, os crentes, você era olhado atravessado, mesmo que você não fizesse nada. Meu amor, se você fosse Lgbt. Haha, papai! Eu era do tempo que qualquer caruru do mundo era oferecido pelo satanás. Eu lembro que quando era o mês da Consciência Negra e a galera tinha que fazer as danças afro, gente, era cada merda. Crentes não iam nem para a escola.

A *tiktoker* relata o que é ser macumbeira na escola, o lugar que passa a ocupar, de exclusão, de preconceito, e associa, ainda, o fato da pessoa ser afro religiosa e homossexual, e ri de forma irônica, demonstrando o peso dessa associação. A comemoração do dia da Consciência Negra (que tornou o dia 20 de novembro feriado nacional pela Lei 14.759 no Brasil) seria um motivo para que estudantes evangélicos não fossem às aulas.

A Lei 10.639/03, que introduziu a obrigatoriedade do ensino de História e da Cultura Afro-brasileira e Africana nas escolas públicas desde o ensino médio até o fundamental, encontra dificuldades para sua implementação desde 2003 quando foi estabelecida pelo Governo Federal. Os obstáculos estão ligados aos apagamentos históricos e epistemológicos que se fazem presentes tanto nos currículos quanto nas práticas educacionais, estreitamente apoiados no racismo estrutural, na colonização das mentes e no epistemicídio cultural, que se refere tentativas de fazer morrer ou de invisibilizar os conhecimentos dos povos que

foram considerados subalternos pelo colonizador, como os dos povos originários e da população negra.

Jovens afro religiosos sofrem *bullying* nas escolas ao manifestar suas crenças nas divindades e entidades espirituais das religiões de matriz africana, e muitas vezes, o receio de receber violências pela pertença religiosa os faz silenciar. As tentativas de apagamento do processo histórico de escravização e a demonização dos cultos afro são uma constante.

O não reconhecimento da identidade de forma positiva acarreta danos à saúde mental e social dos sujeitos, uma vez que a construção da identidade é dependente das relações com o outro, de suas expectativas. Isso acontece porque os seres humanos são essencialmente sociais e responsáveis pela formação de coletividades com suas estruturas normativas. Existe em cada pessoa um eu que carece do outro como espaço formativo de nossa subjetividade. Por isso o reconhecimento é a categoria organizadora da vida humana, que possibilita a promoção de práticas integrativas, ou não. Neste último caso, o não reconhecimento gera desrespeito e a não valorização das contribuições dos sujeitos e grupos à sociedade, ele produz preconceito e discriminação. (Honneth, 2009).

O preconceito quando internalizado passa a aplicar a si mesmo os estereótipos negativos, seja quanto à sua pessoa ou ao seu grupo de pertença, levando os sujeitos a se isolar socialmente, a se sentir culpado pela sua condição, a se auto reprovar, a negar sua própria identidade, a sentir medo de ser constrangido e humilhado, podendo gerar processos depressivos e até mesmo o suicídio. Isso acontece porque o olhar do outro sobre si mesmo é fundamental uma vez que retira os sujeitos da anomia e os integra no corpo social.

Zeus, Apololetx2 e SeliMacumbeira se tornam porta-vozes do combate à intolerância para com as religiões de matriz africana, denunciando o que acontece nas escolas e nas igrejas neopentecostais que satanizam os devotos filhos e filhas

de fé. A fala desses jovens são potentes, reflexivas, e contribuem para com a crítica social e cultural rumo ao reconhecimento positivo das identidades umbandistas, se denominando de macumbeiros, subvertem o significado da palavra, sempre carregada de julgamento moral, relacionada à feitiçaria, à maldade, e ao demônio.

A identidade de macumbeiro é reivindicada pelos jovens, como no caso da SeliMacumbeira, acima apresentado, e em Zeus no vídeo Pastor x Macumbeiro (16.10.2023), quando ele diz para o pastor: “A malandragem não compactua com as encenações que vocês fazem nos seus cultos, botam culpa na entidades para justificar os absurdos que são cometidos pelos filho de terra. Fica a dica: só se intitula macumbeiro quem é de mandinga.”

O se afirmar como macumbeiro pode ser compreendido como a reconquista do termo, usado agora de forma deliberada, radical e política, para fazer frente às hegemonias colonizadoras religiosas que satanizam as religiões de matriz africana. Afirmar ser macumbeiro, defender sua religião, denunciar as violências contra sua fé, é um fator importante e essencial para os enfrentamentos e superação dos efeitos do estigma.

A identidade religiosa afro assumida pelo jovem Zeus responde às acusações do pastor que acusa a Umbanda de associação com o demônio, e defende sua religião se referindo aos orixás: não adoramos as imagens, elas apenas representam os arquétipos da natureza, e “o diabo mora é em cada ato de maldade proveniente do ser humano, confundir ele com meus santos é um engano”, e, ainda “botam culpa na entidades para justificar os absurdos que são cometidos pelos filho de terra”(16.10.2023).

Em um contexto marcado pelo racismo religioso e pela hegemonia cristã, afirmar-se como umbandista é um ato de resistência simbólica, política e existencial. A juventude umbandista enfrenta o desafio de construir sua identidade religiosa diante de uma sociedade que demoniza e inferioriza sua

religião, através do racismo religioso. A umbanda oferece respostas espirituais para os dilemas dos jovens, através da valorização da ancestralidade, da solidariedade presente na comunidade religiosa, dos valores morais e orientações dos guias espirituais. E como diz Silva (2011, p.213), “a pertença religiosa, pode, ao mesmo tempo, fortalecer e vulnerabilizar os sujeitos, a depender do modo como a sociedade reconhece ou estigmatiza determinadas tradições.”

Quanto aos ensinamentos da religião, Francesca de Jurema, no vídeo *Se quiserem posso fazer* (14.07.2022), ensina o que é a incorporação, e já inicia com uma avaliação crítica de que esse fenômeno tem uma “noção que um corpo pode ser possuído por um demônio, é uma noção muito cristã, que a gente aprendeu fantasiosamente nos filmes, nas series e na cultura de forma geral”. E em seguida ela explica:

mas a incorporação não é uma possessão, mas um momento de encontro de acoplamento de nosso guia com os nossos corpos mais sutis. Até o nosso que os médiuns comecem a incorporar existe um processo de aprendizado mesmo do nossos corpos, e não só o físico, com a energia das entidades que nos protege e nos guiam nós vamos aprendendo e sintonizando essa energia ate que nós estejamos assim já assim tão próximos e tao permissíveis a essa energia que a gente incorpora, que essa energia acopla em nosso corpo e então dá passagem ao trabalho dessa entidade.

Francesca de Jurema continua diferenciando os diferentes tipos de incorporação, desde a total perda da memória do que aconteceu, até uma consciência relativa, em que algumas coisas são lembradas e outras não. Interessante que ela fala que

antigamente eram mais comum os médiuns serem iniciados numa tradição que os médiuns não poderiam se lembrar de nada. E só assim quando você estivesse completamente inconsciente é a incorporação era comprovada, mas as coisas mudaram, nós nos adaptamos, nossa consciência se adapta, e hoje em dia e hoje em dia é muito raro um médium ser completamente inconsciente. (grifo nosso)

Observamos aqui a contraposição dos saberes do transe mediúnico, central para as religiões afro-brasileiras, ao saberes tradicionais. Ela utiliza o termo *antigamente*, marcando fronteiras entre o velho e o novo, apresentando o entendimento dos jovens sobre a incorporação.

Danièle Hervieu-Léger (2015), analisando o fim das identidades herdadas no cristianismo diz que existe um remanejamento global das referências coletivas, rupturas da memória, uma reorganização dos valores e fundamentos da religião por parte da juventude, que não se conforma com uma verdade religiosa assegurada pela instituição. As religiões sempre utilizaram a memória para manutenção de seu conteúdo, mas as sociedades modernas são cada vez menos sociedades da memória, e perdem hoje sua importância em benefício de uma sociabilidade da experiência compartilhada, da comunicação direta, do engajamento pontual.

Os conteúdos divulgados por Francesca de Jurema e por Apollotex2 podem ser lidos a partir dessa perspectiva, de abolição de um tempo fundador na memória coletiva, a crescente autonomia em relação à doutrina institucional, desqualificação do praticante tradicional como modelo de fiel. Francesca divulga sua forma própria de entender a incorporação a partir de sua própria experiência religiosa, contrapondo o novo ao antigo, e Apollotex2 deixa claro que não segue a crença religiosa de sua família. Neste último, nas reações ao vídeo, vários outros jovens compartilham essa mesma situação, mostrando que a família não é mais uma fonte transmissora segura das religiões tradicionais.

Seli Macumbeira também ensina para outros jovens sobre como proceder para conhecer a Umbanda, no vídeo *O que não fazer quando se visita um terreiro pela primeira vez* (12.11.2023), e aqui também sua identidade macumbeira ressalta logo no início quando cumprimenta as pessoas: “E aí, macumbeiro, bom dia”. Ela dá dicas para as pessoas não passarem vergonha na primeira visita ao terreiro: não chegar atrasado, não ficar entrando e saindo pois tudo isso atrapalha a concentração dos médiuns. Ter cuidado com as roupas que vão à casa religiosa,

nada de roupas decotadas, saias curtas, “até porque você não vai numa igreja de *cropped*, por exemplo”, e não usar preto, “nada de *look* gótico”. E “Por último, a entidade está em terra? Guarda a caceta do celular. A entidade está falando, cala a boca e escuta. Não fica cochichando, não fica dando kkk, está todo mundo se concentrando, é lugar de silêncio, diacho. Ô gente!”.

A importância dessas dicas aparecem nos comentários sobre o vídeo, que alcançou 1.181 mil mensagens, e apesar de não ter sido objetivo analisar as reações dos seguidores, cabe aqui destacar que muitas pessoas pediram mais dicas sobre o que acontece no terreiro: querem ir mas não sabem como chegar, perguntas sobre os rituais, se não é perigoso, sobre o que acontece se o visitante incorporar uma entidade, depoimentos de quem pertencem a outra religião mas gostariam de conhecer os terreiros, e uma série de dúvidas que muitas pessoas têm, mas não sabem a quem perguntar ou têm vergonha de perguntar.

Outro ponto que nos chamou a atenção foi a significativa quantidade de vídeos com Exu e Pombagira, que aparecem em sua grande maioria no formato de pontos cantados, performances corporais com o antes (sem as vestes das entidades) e o depois (com a indumentária dos guias no terreiro ou em casa mesmo), incorporações nos terreiros, ou contando as histórias das entidades.

Essas entidades aparecem no vídeos dos *tiktokers* selecionados para a pesquisa como guardiões, espíritos de proteção, que avisam dos perigos, como no ponto cantado *Se ela cantar abre o olho*, em que Lanadafarrapo (16.11. 2021) diz que se uma Pombagira no terreiro cantar esse ponto, pode-se ter a certeza de que além dela estar quebrando uma demanda, ela está avisando para a médium que a incorpora que existe uma pessoa traiçoeira bem próxima, que ela precisar ficar atenta, e isso é possível porque Exu sabe de tudo, e Pombagira explana: “Cobra verde venenosa que nasceu no meu jardim, pela frente tu me abraça, por detrás fala mal de mim. Ô fala mal de mim, mas tu não fala por detrás, pega ela diabo, pega ela satanás.”

Vitorinha de Exu também canta um ponto, de sua autoria, para Dona Maria Navalha (13.03.2024), e fala dos perigos da rua, de pessoas que enganam:

Não se preocupe que você é meu protegido, eu sou Maria Navalha e te livro dos inimigos, com a minha navalha eu afio na língua do falador, quem muito fala, pouco faz, só que otária eu não sou não mexa com meu meu filho pois tu há de me pagar o mundo é que dá voltas e na minha mão tu vai sambar.

Em outro ponto cantado da *tiktoker*, *Está preparado para a limpeza que Exu fará?* (13.03.2024), ela fala para seus seguidores pedirem para Exu tirar de suas vidas todas as pessoas que não lhe querem bem, e que a entidade está junto nessa empreitada, que ele ajuda seus devotos a se livrarem dos falsos. Ao cantar esse ponto as pessoas dão permissão para Exu correr gira em suas vidas: “Seu Tranca rua dá uma volta lá fora, quem for bom bota pra dentro e quem não for deixa lá fora”. Segundo ela, a pessoa percebe que muitos em que ela confiava são pessoas falsas, e que durante a jornada espiritual vai se ter a sensação estar sozinho, “mas pode ter certeza que a melhor companhia que você vai ter é de Exu em sua vida.”

No diálogo do *tiktoker* Zeus com Zé Pilintra, este diz: “Se precisar o papai tá na porteira do primeiro cemitério que você passar. Na folha de bananeira risquei meu ponto, se precisar pede com fé, que é para ninguém te derrubar.”

Exu e Pombagira aparecem com os atributos de proteção quanto às traições, avisam dos perigos que os jovens não enxergam, os tiram da ingenuidade. Maria Navalha os chama de filhos e ameaça quem os fizer mal: “Não se preocupe que você é meu protegido. Não mexa com meu meu filho pois tu há de me pagar, o mundo é que dá voltas e na minha mão tu vai sambar”. Zé Pilintra afirma que pode derrubar os inimigos, e um ponto cantado pode aparecer na gira de Pombagira avisando sua médium ou seu médium dos perigos que está correndo com as pessoas próximas.

Faz todo sentido a busca por segurança por parte dos jovens, que não são mais crianças e também não são adultos, estão agora por sua própria conta. A

saída da infância, restrita à casa, ao mundo dos familiares e amigos vigiadas pelas mães, pais e escola, deu lugar a um outro espaço, o mundo da rua, um lugar extremamente perigoso (dos bares, das festas, das drogas lícitas e ilícitas, das violências de gênero, da transfobia, do estupro, etc), mas simbolicamente também. Ele diz respeito a uma nova fase, da necessidade de encontrar seus próprios amigos e amigas, se integrar em novos grupos, se reconhecer nessas outras diversas identidades circulantes que podem trazer vínculos de verdadeira amizade, podem trazer pessoas em que se pode confiar, ou não. Mas esses jovens não estão sós. Vitorinha de Exu diz que durante a jornada espiritual vai se ter a sensação estar sozinho, “mas pode ter certeza que a melhor companhia que você vai ter é de Exu em sua vida.”. Ninguém melhor que essas entidades sagradas, habitantes da rua, que vagam pelas encruzilhadas das escolhas, conhecedoras de tudo que acontece, que habitam a porta do cemitério, das situações que necessitam de um final, para acompanhar os jovens filhos e filhas de fé.

Numa outra perspectiva podemos afirmar que as entidades marginais da quimbanda recebem uma outra leitura por parte dos jovens e das jovens e que vão em direção à descolonização dos corpos, aos atos de resistência contra os saberes hegemônicos que enrijeceram os corpos e as mentes, em prol de uma elite que vinculou e vincula tudo que existe a um produto, interessada em que o capitalismo vença sempre, e os que não se enquadram ela relega ao campo da malandragem.

Seu Zé tem gingado, malemolência ao andar, Pombagira gargalha, dança, bebe, ambos percorrem as ruas, são da noite, dos recantos escuros onde toda uma outra vida acontece, onde tudo se inverte, desobediência pura. Nossa percepção é que essas entidades são representadas pelos jovens como a malandragem descrita por Wanderson Flor do Nascimento (2020), como valores, saberes e práticas contracoloniais, como potência de uma filosofia popular que se recusa a aceitar que as coisas devem ser apenas de um jeito.

Largados nas ruas, e desprovidos de recursos materiais, os pretos, as prostitutas, os desempregados, as crianças abandonadas, os indígenas expulsos

de suas terras, os sem terra, os sem teto, são os que tem como garantia de moradia, a rua, e é aqui que a resistência acontece, a duras lutas, num tempo que parece não ter fim, mas que o Povo da Rua, a marginália sagrada garante proteção e força espiritual para os enfrentamentos cotidianos.

A posição dos *ticktokers* quanto a uma visão positiva das entidades sagradas de Exu e Pombagira, espíritos esses associados ao mal, uma forma de violência simbólica que atinge as religiões de matriz africana por meio da demonização de seus elementos sagrados, contribuem para desconstruir o imaginário racista que marginaliza corpos, práticas e símbolos afrodiaspóricos. É um movimento importante por parte da juventude afro religiosa na reapropriação político dos sentidos atribuídos a essas entidades.

Considerações finais

O presente artigo apresentou os resultados de uma pesquisa que teve o objetivo analisar a atuação de jovens pertencentes à religião da Umbanda na plataforma de vídeos *TikTok*, compreendendo o espaço virtual como local de interação social e compartilhamento de ideias, que os possibilita de protagonizar suas posições a respeito do campo religioso considerando suas próprias experiências.

A análise dos conteúdos dos vídeos postados nos levou a eleger alguns elementos que para nós se evidenciaram: a) o combate à intolerância religiosa; b) macumbeiro como identidade religiosa; c) os ensinamentos das religiões de matriz africana; e c) Exu e Pombagira como entidades protetoras.

A intolerância religiosa foi questionada por Zeus quanto aos grupos pentecostais que demonizam a religião, e Seli Macumbeira colocou em pauta o racismo presente na escola quando temas da cultura africana são levados para a sala de aula, evidenciando o preconceito que recebe o campo religioso. Estes jovens se chamam de macumbeiros, invertendo o significado pejorativo usado por parte da sociedade e de outros grupos religiosos. O preconceito alcança

outras esferas como a familiar, e Apolloletx2 deixa claro que não segue a religião dos seus progenitores, precisando esconder sua identidade e os objetos sagrados da religião.

Francesca de Jurema, Seli Macumbeira e Zeus conhecem a religião, a doutrina, os rituais, e ensinam a outros jovens o que é a umbanda, o que é macumba: a incorporação, a possessão, a mediunidade, as normas da casa de culto, as vestimentas, as atitudes no espaço sagrado, o significado das imagens, a positividade da religião. E Exu e Pombagira surgem nos vídeos de Lanadafarrapo, Vitorinha de Exu, Zeus e Francesca de Jurema, como protetores, com guardando os jovens dos perigos dos falsos amigos, fortalecendo nos momentos de sofrimento.

Tais vídeos alcançam milhões de pessoas - da religião, curiosos, simpatizantes -, tornando a plataforma digital do *TikTok* uma ferramenta importante para a divulgação da religião e combate ao preconceito contra as religiões de matriz africana, e em especial a Exu e Pombagira. Os jovens e as jovens questionam a sociedade, a escola como lugar de reprodução do racismo, o papel de igrejas cristãs nas intermináveis acusações de ver o mal no referido campo religioso.

As plataformas digitais são um campo aberto para a pesquisa, e de significativa importância para analisar as novas configurações das religiões afro-brasileiras em sua continuidade, uma vez que a memória, a história oral da religião, sua doutrina, mitos, ritos, liturgia e cosmovisão serão levados adiante pela juventude. E diante disto, finalizamos com algumas questões que surgiram durante a pesquisa e apresentamos aqui para futuras investigações: o embranquecimento da religião umbandista considerando a categoria juventude; o espaço virtual como extensão dos terreiros, ou não; o confronto entre o conhecimentos tradicional dos sacerdotes e sacerdotisas umbandistas e o conhecimento dos mais jovens a partir de conteúdos disponíveis na *internet*, e a militância contra a intolerância religiosa e o racismo religioso com relação ao

Religare, ISSN: 19826605, v.22, janeiro de 2025, e221an04, p.301-324
espaço *offline* e o *online*, no sentido de que as ações aconteçam no espaço virtual
e também no espaço do terreiro.

Referências

- AGUIAR, Sônia. *Redes sociais na internet: desafios à pesquisa*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2007. Disponível em : <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/r3-1977-1.pdf>. Acesso em 03 junho 2024.
- AGUIAR, Taylor. *Mais “Reino”, menos “religiosidade”*: um novo paradigma para as juventudes evangélicas no espaço público? *Estudos Sociais*, n. 51, 2021, p. 687 – 704. Disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/14904/11302>. Acesso em 15 fevereiro 2024.
- ALMEIDA, Sílvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.
- BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora. Editora da Universidade de São Paulo, 1971.
- CAMPOS, Laísa Silva. *Ter voz, ter vez, lugar: a juventude e a mulher na igreja e na Pastoral da Juventude na Arquidiocese de Belo Horizonte, MG*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião). PUC. Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, 2020.
- CAMURÇA, Marcelo. Os “sem-religião no Brasil”. Juventude, periferia, indiferentismo religioso e trânsito entre religiões institucionalizadas. *Estudos de Religião*, n. 3, 2017, p. 55-70. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6342518>. Acesso em 29 abril 2024.
- CUNHA, Magali do Nascimento. *Do público às mídias sociais: evangélicos na política e ativismo digital*. Curitiba: Prismas, 2017.

DIRETRIZES PARA A COMUNIDADE. *TikTok*. 2024. Disponível em:

[https://www.tiktok.com/community-guidelines/pt/youth-](https://www.tiktok.com/community-guidelines/pt/youth-safety/?cgversion=2024H1update&lang=pt)

[safety/?cgversion=2024H1update&lang=pt](https://www.tiktok.com/community-guidelines/pt/youth-safety/?cgversion=2024H1update&lang=pt). Acesso em 23 maio 2024.

ESTATUTO DA JUVENTUDE. *Atos internacionais e normas correlatas*. Distrito

Federal. Brasília, 2013. Disponível em:

[https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/509232/001032616.pdf?se-](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/509232/001032616.pdf?sequence=1&isAllowed=y)

[quence=1&isAllowed=y](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/509232/001032616.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em 29 abril 2024.

FLOR DO NASCIMENTO, Wanderson. Das filosofias vagabundas. In: SIMAS,

Luiz Antônio; RUFINO, Luiz; HADDOCK-LOBO, Rafael. Arraças. In: *Uma*

filosofia popular brasileira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 220, p.8 - 10.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. *Métodos de pesquisa*

para internet. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. *Métodos de pesquisa*

para internet. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FRANCO, Gilciana Paulo. *Juventude, ciberativismo e religião: um estudo sobre a*
movimentação de jovens umbandistas e candomblecistas nas redes sociais. Tese.
(Doutorado em Ciência da Região). Programa de Pós-graduação em Ciência da
Religião, UFJF, 2024.

FREITAS, Ricardo de Oliveira. Jovens de terreiro. Ciberativismo e protagonismo
juvenil entre integrantes de religiões afro-brasileiras em Salvador e região

metropolitana. *Educere & Educare*, Unioeste, v. 10, n. 20, 2015. Disponível em

<file:///home/sonia/Downloads/fabiobidu,+Gerente+da+revista,+13-ok.pdf>.

Acesso em 22 maio 2023.

IBEST. Internet World Best. *Influenciador de Religião 2023*. Disponível em

<https://app.premioibest.com/resultados/2023/influenciador-de-religiao>. Acesso
em 20 maio 2024.

HONNETH, Axel. *A luta por reconhecimento*. A gramática moral dos conflitos
sociais. São Paulo: Editora 34, 2009.

MALANDRINO. Brígida Carlo. *Há sempre a confiança de se estar ligado a alguém*.

Dimensões utópicas das expressões das religiosidades bantú no Brasil. Tese.

Religare, ISSN: 19826605, v.22, janeiro de 2025, e221an04, p.301-324 (Doutorado em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

NOGUEIRA, Sidnei. Intolerância religiosa. Feminismos Plurais. São Paulo: Pólen, 2020.

NOVAES, Regina. *Juventudes e religiosidades*. Sinais dos tempos no Brasil contemporâneo. Caminhando com o Itepa. Passo Fundo, n. 26, 2019, p. 17 – 55. Disponível em: file:///home/sonia/Downloads/5+-+Juventude+e+religiosidade+17-48-1.pdf. Acesso em 25 abril, 2024.

_____. Juventude e religião, sinais do tempo experimentado. *Interseções*, v. 20, n.2, Rio de Janeiro:2018, p. 351-368. disponível em <https://www.redalyc.org/journal/412/41276444006/41276444006.pdf>. Acesso em 29 abril 2024

_____. Sobre jovens mulheres evangélicas. Retratos em movimento. *Debates do NER*. Porto, Alegre, n.42, 2022, p. 107-128. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/131155/88228>. Acesso em 27 março 2024.

PÁTARO, Cristina Satie de Oliveira; MEZZOMO, Frank Antônio. Onde estão a religião e a política? Compreensão de jovens universitários católicos, evangélicos e sem religião. *Revista Horizonte*, v.16. n.50. Belo Horizonte, 2018, p.812-844.

ROCHA, Paula; MONTARDO, Sandra. *Netinografia: incursões metodológicas da cibercultura*. E-Compós, 2005. Disponível em: file:///home/sonia/Downloads/4621-Texto%20do%20artigo-20278-1-10-20140716-1.pdf. Acesso em 28 jun 2024.

SILVA, Kelly. “Pertencimento religioso e construção identitária: dilemas da juventude de matriz africana no Brasil contemporâneo”. *Revista de Estudos da Religião (REVER)*, n. 11, 2011.

TIKTOK. 2024. Disponível em: <https://www.tiktok.com/about?lang=pt>. Acesso em 23 maio 2024.

Recebido em: 21/02/2025.

Aprovado em: 08/07/2025.